



## DA COR DA MADEIRA

*O homem é rico desde que se familiariza com a pobreza."*

*Epicuro*

Um das coisas que diferencia o samurai do nobre que, sendo portador de katana, não é um kenshi (espadachim) é a forma como a katana é usada e o tipo de katana. Era comum haver uma colagem da nobreza aqueles que no dia-a-dia eram os guerreiros, os seguidores do bushido, os praticantes do Zen, enfim aqueles que hoje tentamos estudar. Irei neste texto fazer a comparação entre a simples ostentação vaidosa daquilo que era a verdadeira postura do guerreiro.

A ostentação de uma katana rica é uma forma de tentar mostrar o poder social de alguém, nunca uma indicação que se sabe usar essa obra de arte, essa expressão da alma do seu portador. Confunde-se frequentemente uma arma vistosa com uma boa lâmina. Era frequente que um samurai rico, ou um nobre, exibisse uma arma dessas, no entanto um kenshi (剣士) que sabia o verdadeiro valor da arma, que a via como parte integrante de si preferisse uma arma que fosse modesta na aparência. As tsuba (鐔), os menuki (目貫), os ito (糸) e outros elementos da katana, eram para o samurai apreciador e praticante do zen, elementos funcionais, onde se apreciava a modéstia das formas, das cores e onde se pudesse observar que era não uma arma de ostentação mas que tinha sido usada. Um acto comum era observar que os ito, cordas que se entrelaçam na tsuka (柄), tinham aspecto de usado, o pátina normal que surge no tecido devido ao uso, ao suor. O próprio processo de grande valor simbólico que era entregar a arma para ser apreciada pelo outro, era uma acção social com um grande cariz religioso e não de ostentação de beleza nem de vaidade. O conceito de Wabi Sabi estava aqui tão presente aqui como estaria na apreciação das taças com que se “bebe” o chá, na cerimónia do chá. A perfeita imperfeição tinha expressão no uso de tsubas muito simples, quase toscas, em oposição de algumas que vemos em armas que não serão totalmente decorativas, mas não eram verdadeiras armas de guerra, porque quem as usava não tinham, ou pouco tinham, necessidade de as usar.

Outra das manifestações claras de vaidade e incompreensão da alma samurai é a forma como hoje alguns mestres, e pretensos mestres ou cromos, se vestem. É comum ver fotos de indivíduos com hakamas dourados e outros acessórios que primam pelo berrante e pela pura exibição. Vaidades e ignorância, ou tentativa de impressionar mentes mais fracas ou ignorantes, estarão na origem destas manifestações. A forma mais cuidada com que um samurai mais rico podia se vestir seria sempre para se associar a um cargo ou função, fosse ela militar, social (exemplo: uma reunião, recepção ou cerimónia) ou mesmo para efeitos religiosos. O Zen sempre desenvolveu no espírito do samurai o amor pelo natural e são sinónimos disso a forma como alguns Dojos eram “decorados”. É comum as paredes serem revistas a madeira sem tratamento e o espaço primar pelo vazio ou então pelo que é estritamente necessário, o que aliás é também comum nas habitações. A própria presença de uma obra de arte no tokonoma era uma forma de agradar ao convidado, não uma forma de sobrevalorizar-se ao convidado.



Quem hoje em dia não teve na sua posse um bokken envernizado? Uma aberração, não só do ponto de vista tradicional como do ponto de vista funcional. Recomendo aos meus alunos que assim que adquirirem um bokken desses que tratem de o lixar, para que possa ser devolvida a cor crua da madeira. Recordo uma peça que me foi entregue, um tanto antigo, que estava em muito mau estado e que tinha tido a saya pintada com uma cor, relativamente discreta, mas inapropriada para a arma. Após o tratamento que fiz à lâmina e ao resto da peça entreguei-a com a saya e a tsuka em madeira sem tratamento. Recordo a expressão de agrado e compreensão de quem a recebeu.

Ignorância, vaidade ou puro infantilismo não é incomum, não só hoje, no passado também, mas hoje torna-se uma manifestação muito mais desagradável, pois de disparate em disparate vamos desvirtuando formas de estar que pretendemos preservar.

O espírito de pureza e simplicidade está na simples madeira que se molda para que a possamos usar no nosso trabalho. Enfeitar ... talvez ... se é de fama e aparências que queremos que o nosso trabalho se vista. Como diria Fernando Pessoa: "A fama é boa para as artistas!".

Lisboa, 17 de Setembro de 2014